

Entre afromodas, imagens e narrativas negras

Hanayrá Negreiros¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8502-4858>

Que momento importante esse em que vivemos para pensar *afromodas* e jeitos de vestir negros. Ouso reivindicar aqui inclusive o plural do título deste dossiê para conseguirmos dar conta das diversas *negras maneiras de vestir* que temos tanto no Brasil, nas Américas, no Caribe e na Europa, como também no continente africano que engloba muitas Áfricas.

Para esta edição da revista dObras, as imagens que ilustram cada seção são da fotógrafa e artista visual negra e maranhense Silvana Mendes, que, a partir de suas produções, conta-nos sobre dimensões estéticas de corpos negros nordestinos e nortistas. Uma ótima oportunidade para se pensar moda e beleza para além do eixo sudestino, já tão aclamado pelo mercado de moda brasileiro. O fazer imagético da artista nos proporciona a ampliação do olhar para o que entendemos e chamamos por moda, dividindo-se em duas linguagens que abarcam o vestir da comunidade tradicional de matriz africana Kamafêu de Oxóssi, situada na região metropolitana de São Luís (capital maranhense), revelando o axé das indumentárias litúrgicas usadas nos rituais de Terecô, religião afro-brasileira praticada há tempos no estado. Aqui junta-se a materialidade das roupas e dos adornos religiosos com a imaterialidade do axé (força vital), tão caro para as cosmologias dessas afro-religiões, com destaque para o vestir de Mãe Zênite que ilustra a capa desta edição com suas roupas e joias rituais.

Uma segunda linguagem que pode ser compreendida nas fotos de Silvana são os registros de mulheres negras, protagonizados por Kerolayne Kemblin e Tassila Custodes, em ensaios caseiros de moda, que nos revelam a necessidade de se ver beleza e afeto em corpos plurais e em modos de vestir que não são os que costumamos contemplar em revistas tradicionais de moda. Há de se convir que isto está mudando, uma vez que esses veículos já estão compreendendo que não há mais caminho para uma única moda, aquela que por muito tempo apenas contemplou histórias eurocentradas, grandes marcas, corpos magros e quase sempre exclusivamente brancos. Moda é também o que vestimos em casa, no nosso cotidiano muitas vezes costurado pelas memórias e heranças de família.

Pensar a moda como memória e cultura, a partir de perspectivas negras, mostra-se um caminho interessante para refletir também sobre questões raciais, sociais e de gênero, desde os corpos que a vestem. Corpos políticos e detentores de muitos saberes ancestrais que constantemente se atualizam na contemporaneidade, projetando futuros possíveis. Futuros desenhados por meio de memórias, narrativas e olhares de autorias negras, que estão alinhavando outras histórias da moda nesse país.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP. E-mail: hanayra@outlook.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5904000880877923>.